



Os genéricos são da sociedade

Dr. Salim Tuma Haber,

Vice-presidente do Conselho Federal de Farmácia

Que ninguém se iluda: a política de medicamentos genéricos, criada pela Lei 9787/99, veio para ficar, apesar de todos os percalços e tramas de que é vítima e dos interesses econômicos que tentam empurrá-la para o fiasco. E pela simples razão de que, mesmo contrariando interesses de bilhões de dólares, os genéricos passaram a ser encampados pela sociedade como uma conquista sua. E ninguém deve tramar contra a sociedade.

Quando o Governo desengavetou o antigo Projeto de Lei do deputado Eduardo Jorge (PT-SP), parado, há quase dez anos, na Câmara, e o fez andar e ser aprovado, com emendas, sabíamos que estávamos diante de uma conquista difícil. Em nenhum lugar do mundo (dos Estados Unidos à Europa), a implantação dos genéricos deu-se com facilidades. Nos EUA, ela só germinou, depois de cerca de dez anos. E a força central que tem se oposto a ela é a mesma, qualquer que seja o credo, a raça, o país: os interesses econômicos.

Não poderia ser diferente, no Brasil. Aqui, a criação da política de genéricos mexeu na intimidade do poderoso império das multinacionais. Um império nutrido por uns 13 bilhões de dólares. A indústria farmacêutica é uma das que mais crescem, no mundo inteiro, e, no Brasil, é a que apresenta as maiores margens de lucro. O setor triplicou a sua arrecadação, de 1994 para cá, sem produzir mais unidades.

Pelo contrário, deu-se, isso, sim, uma ordem inversamente proporcional. De 1992 a 1999, a indústria vendeu 7,1% menos medicamentos, mas o preço médio do produto subiu de R\$ 2,60 para R\$ 8,64. As indústrias venderam, em 1992, R\$ 1,7 bilhão de medicamentos, faturando R\$ 4,4 bilhões. Já em 1999, faturaram R\$ 13,8 bilhões, enquanto as vendas registraram um volume de 120 milhões a menos de produtos. Então, será que essa fortaleza, que é o setor industrial farmacêutico, receberia de bom grado qualquer alteração no seu *status quo*? Claro que não. O setor nada de braçada e desejaria ver as águas calmas como sempre.

Agora, estamos diante da ausência dos genéricos, nas farmácias. Há um conjunto de fatores que, combinados, levam a isso. A produção é ainda pe-

quena, embora os laboratórios aleguem que trabalham em larga escala. Cerca de dez, de um universo de mais ou menos de 400 laboratórios, pediram registros de genéricos junto ao Ministério da Saúde. A maioria é nacional e de porte médio. Os pequenos não estão produzindo e a quase totalidade das multinacionais não se interessou pelo mercado, embora sintam que aproximadamente 30% dos consumidores estejam migrando para os genéricos.

As pequenas indústrias não produzem, porque a Lei dos Genéricos é seletiva. Ela estabelece que, para ser genérico, o produto tenha que se submeter ao teste de bioequivalência. É um teste caro (de R\$ 100 mil a R\$ 200 mil), leva um longo tempo para acontecer e há poucos centros habilitados para fazê-lo. Em meio a esse emaranhado de dificuldades, há denúncias de que grandes laboratórios estão impondo como condição para distribuir os seus medicamentos de marca que as distribuidoras não trabalhem com genéricos.

Cabe ao Governo fazer uma campanha, para estimular a população a pedir ao médico do setor privado que ofereça alternativas de prescrição, incluindo genéricos; investigar se há pressões da indústria sobre as distribuidoras e se as farmácias que estão se recusando a vender genérico fazem isso realmente para não diminuir a sua margem de lucro, nem as comissões dos seus balconistas.

O Governo, na verdade, deveria era buscar meios para obrigar que farmácias vendam genéricos. Afinal, tem que prevalecer o compromisso social e sanitário desses estabelecimentos.

Há mais de oito meses que foram aprovados os primeiros genéricos. Nós achamos que a produção e comercialização desses medicamentos vão se normalizar, mas não por declive. As autoridades terão que agir e a sociedade precisará fazer a sua parte. Afinal, há um bem maior que precisa ser respeitado, em meio a essa busca assombrosa por lucro: a vida do cidadão. O povo agirá em favor dos genéricos, porque sabe que estará defendendo o seu grande patrimônio, que é a sua saúde. Além de defender o seu bolso, é claro. Daí, me entusiasmar e dizer que os genéricos vieram para ficar.